

## MARCAS LINGUÍSTICAS DA ARGUMENTAÇÃO: O USO DE OPERADORES ARGUMENTATIVOS NAS REDAÇÕES DO VESTIBULAR / UFRN 2011

Lidemberg Rocha de Oliveira (UFRN/ PPgEL)

bergoliveir@yahoo.com.br

Silvestre Gomes Martins (UFRN/ PPgEL)

sil\_gomes7@hotmail.com

Orientadora: Maria das Graças Soares Rodrigues (UFRN/PPgEL)

gracasrodrigues@gmail.com

### Introdução

Usamos a língua porque vivemos em comunidades, nas quais as pessoas têm necessidade de comunicar-se com os seus semelhantes, de estabelecer com eles relações dos mais variados tipos, de obter deles reações ou comportamentos, de atuar sobre eles das diversas maneiras, enfim, de interagir socialmente por meio do seu discurso. Então, a argumentação pode ser considerada como um recurso que tem como propósito convencer alguém, para que esse tenha a opinião ou comportamento alterado.

Neste artigo, procedeu-se à análise do corpus de redações argumentativas produzidas no vestibular da UFRN/2011, enfocando aspectos relacionados ao uso dos operadores argumentativos. Dessa forma, buscou-se resposta para a seguinte questão de pesquisa: *Que operadores argumentativos são utilizados para marcar a orientação argumentativa na redação dos vestibulandos?* Para responder à questão, traçou-se como objetivo da pesquisa: a) analisar os operadores argumentativos utilizados em redações produzidas por vestibulandos do referido processo seletivo.

O corpus selecionado para a realização da pesquisa é composto por 15 redações elaboradas por vestibulandos das seguintes áreas: Humanas II, Tecnológica II e Biomédica. As redações foram divididas de forma igualitária entre as três áreas mencionadas. Os dados foram analisados a partir das categorias de operadores argumentativos estabelecidas por Koch (1998). Das oito categorias proposta pela autora, utilizou-se cinco, a saber: a) Operadores que assinalam o argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão; b) Operadores que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão; c) Operadores que introduzem uma conclusão relativamente a argumentos apresentados em enunciados anteriores; d) Operadores que introduzem uma justificativa ou explicação relativamente ao enunciado anterior; e e) Operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias.

A discussão apresentada no trabalho está dividida em três partes: a primeira e a segunda parte tratam de uma discussão acerca da argumentação, onde utilizou-se Perelman (2005), Plantin (2008) e Charadeau (2009), já na terceira é apresentada a análise dos dados mediante as categorias de análise definidas.

### 1 Argumentação

A argumentação é um incremento de raciocínio que tem a finalidade de defender ou rechaçar uma tese ou ponto de vista, para convencer um oponente ou um interlocutor circunstancial. Vale ressaltar que as sustentações dos argumentos se darão a partir das informações apresentadas no discurso.

Perelman (2005, p. 16), afirma que “toda argumentação visa à adesão dos espíritos e, por isso mesmo, pressupõe a existência de um contato intelectual”. Ainda quando se trata de influenciar por meio do discurso, é impossível menosprezar as condições psíquicas e sociais sem as quais a argumentação ficaria sem objeto ou sem efeito.

A impossibilidade de considerar a argumentação um exercício intelectual inteiramente desvinculado de qualquer preocupação de ordem prática obriga alterar certas noções concernentes ao conhecimento, que foram elaboradas numa perspectiva filosófica totalmente diferente, tal como a oposição entre o objetivo e o subjetivo.

A percepção que as pessoas têm do real pode, em largos limites, variar conforme as opiniões filosóficas professadas. Entretanto, na argumentação, tudo o que se presume versar sobre o real se caracteriza por uma pretensão de validade para o auditório. Em contrapartida, o que versa sobre o preferível, o que nos determina as escolhas e não é conforme a uma realidade preexistente, será ligado a um ponto de vista determinado que só podemos identificar com o de um auditório particular, por mais amplo que seja. (PERELMAN, 2005.p.74).

A atividade argumentativa é desencadeada quando se coloca em dúvida um ponto de vista. Segundo Plantin (2008. p. 12), “no plano epistêmico duvidar é estar de ‘suspensão do assentimento’ acerca de uma proposição (seja ela rejeitada ou considerada a título de hipótese)”. Ainda de acordo com esse teórico, no paradigma clássico, do ponto de vista da organização clássica das disciplinas, “a argumentação está vinculada à lógica, ‘a arte de pensar corretamente’, à retórica, ‘a arte de bem falar’, e à dialética, ‘ arte de bem dialogar’. Esse conjunto forma a base do sistema no qual a argumentação foi pensada, de Aristóteles ao fim do século XIX”. (PLANTIN, 2008, p. 8-9).

De acordo com Weston (1997), “para escrever uma boa redação argumentativa o aluno deve usar argumentos simultaneamente como um meio de investigação e como uma maneira de explicar e defender as suas conclusões”. De fato, para se preparar para escrever uma redação, o aluno deve explorar os argumentos que existem para os pontos de vista opostos, o que é necessário depois escrever a própria redação como um argumento, defendendo as suas conclusões com argumentos e avaliando criticamente alguns dos argumentos dos pontos de vista opostos.

Nessa ótica de ideia é importante lembrar que os argumentos são eficazes, em primeiro lugar, porque é uma forma de tentar descobrir quais os melhores pontos de vista. Nem todos os pontos de vista são iguais. Algumas conclusões podem ser apoiadas com boas razões, outras, com razões piores. Mas muitas vezes não sabemos quais são as melhores conclusões. É preciso apresentar argumentos para apoiar diferentes conclusões, e depois avaliar tais argumentos para ver se são realmente bons.

Por outro lado, se a tese de que a função básica da linguagem é argumentar é claro, o uso dos termos argumentar, argumentação e argumentatividade merecem uma explicação, para que o leitor não se desnorteie nas malhas semânticas destes termos.

Nesse caso, Koch (1999, p. 12), define o “uso dos mesmos explicando que nesse caso eles não se inscrevem no contexto logico-formal com o valor de prova, mas no âmbito da retórica. Com isso, o ato de argumentar é visto como o ato **de persuadir** que ‘procura atingir a vontade’, envolvendo a subjetividade, os sentimentos, a temporalidade, buscando adesão e não criando certezas”.

Portanto, o que vale não é realizar certos objetivos, alcançar certas etapas, mas continuar, superar, transcender, no sentido indicado por dois ou vários pontos de referencia. O interessante não é um objetivo bem definido: cada situação serve, ao contrário, de ponto de referencia e de trampolim que permitem prosseguir indiferentemente numa certa direção. Assim, Perelman (2005.p.20), afirma que “essa forma de raciocínio não é somente utilizada

para promover certa conduta, mas também, sobretudo em obras filosóficas, para definir certas noções ‘depuradas’, partindo-se de concepções de senso comum que são apresentadas como ponto de partida.

## **2 Movimentos e operadores argumentativos**

O movimento argumentativo sinaliza o posicionamento do sujeito em relação aos argumentos que lhe são expostos. Ele mostra se há concordância, parcial ou total, como também refutação de uma dada proposição. Charaudeau (2009) descreve alguns procedimentos da lógica argumentativa, bem como os elementos responsáveis por organizar essa lógica por ele chamado de modo de raciocínio. Para o autor “esses modos de raciocínio se inscrevem numa determinada encenação argumentativa e se combinam com os componentes dessa encenação” (CHARAUDEAU, 2009, p. 213).

Percebe-se assim que tais modos de raciocínio influenciam na força argumentativa dos enunciados e, ao mesmo tempo, são de extrema importância para a estruturação dos mesmos. Nesse sentido, o sujeito quando defende seu ponto de vista, o faz primeiramente pensando em seus objetivos, mas não desconsidera as condições do seu interlocutor. No jogo da argumentação, conhecer seu oponente é fundamental para que se atinja os propósitos comunicativos.

A interação por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade. Como ser dotado de razão e vontade, o homem constantemente avalia, julga, critica, isto é, forma juízos de valor. Por outro lado, por meio do discurso – ação verbal dotada de intencionalidade – tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas de suas opiniões. É por essa razão que se pode afirmar que o ato de argumentar [...] constitui o ato linguístico fundamental [...]. (KOCH, 1999, p. 19).

Situados nos níveis semântico e textual, os movimentos argumentativos adotados pelos sujeitos em determinadas cenas enunciativas são reconhecidos pelo uso de categorias linguísticas que tem a finalidade de produzir certos efeitos de sentido. Para a articulação dos argumentos e a apreensão desses em função de um dado movimento, recorre-se aos operadores argumentativos, que segundo Koch (1998, p. 30) são “elementos da gramática de uma língua que tem por função indicar (‘mostrar’) a força argumentativa dos enunciados, a direção (sentido) para o qual apontam”.

Tem-se, então, três movimentos argumentativos fundamentais que serão aqui apresentados: a aprovação, a concessão e a refutação. A existência de um movimento argumentativo global presente num texto, não exclui a participação de outros movimentos no interior desse mesmo texto. Em outras palavras, quando o propósito comunicativo de um texto é contrariar o posicionamento ou raciocínio de um outro texto, pode-se perceber nele a correlação interna dos outros movimentos, não obrigatoriamente apenas o da refutação.

Argumentar no sentido de aprovar significa reforçar uma proposição já dada na cena enunciativa, na perspectiva de manter um acordo de posicionamentos, uma concordância. Ao invés de problematizar, questionar, discutir ou contestar uma proposição ou enunciado, defende-se o mesmo ponto de vista. Nesse movimento o sujeito não opõe, ele se apropria da mesma posição do seu oponente em relação à veracidade ou não do conteúdo da sentença. Enfim, nesse jogo de acordo, não se estabelece um quadro de questionamento.

Com relação a uma sentença dada, o sujeito pode engajar-se ou não, dependerá muito do valor de verdade da proposição ou até mesmo do conhecimento, conteúdo, que o sujeito tem para refutar. O movimento de aprovação se opõe ao de concessão e refutação. Assim,

quando não há os dois últimos movimentos, é justificável pensar que o sujeito pode, além de não querer se comprometer argumentativamente, não ter conhecimento o suficiente para questionar ou opor-se a uma dada sentença.

O movimento de aprovação se assemelha ao que Charaudeau (2009) denomina de argumentação demonstrativa e diz que nesse caso o sujeito resolve “não se implicar pessoalmente na argumentação, mantê-la a distância, não colocar os outros em causa a não ser pelo jogo das conclusões argumentativas”. Nesse sentido, a orientação argumentativa demonstrativa se dá, para o autor, a partir de certos elementos linguísticos, ou seja, certos operadores, a saber:

- qualificações objetivas, verificáveis e precisas.
- uma descrição das operações de pensamento (operações ditas cognitivas) às quais se dedica o sujeito que demonstra: ‘observar, examinar, postular que, fazer a hipótese que, etc.
- o emprego de frases impessoais, que apagam a presença do sujeito que argumenta: ‘convém dizer’, ‘o problema aqui colocado é o seguinte’, ‘é lógico que’, etc.
- o uso de citações e de referências sob forma de parênteses, notas, remissões, etc. (CHARAUDEAU, 2009, p. 230)

O segundo movimento aqui tratado é a concessão, movimento argumentativo dotado de certa complexidade. Apesar de ser um modo de raciocínio próprio, Charaudeau (2009) afirma que este tipo de raciocínio pode se adequar a um raciocínio dedutivo. Essa adequação se deve ao fato de haver grande semelhança na organização lógica destes dois modos de raciocínio.

Consiste em aceitar A1, em colocá-la como verdadeira (fazer uma concessão), e, ao mesmo tempo, retificar a relação argumentativa. Aceita-se a asserção de partida, mas contesta-se que ela possa levar à conclusão proposta ou subtendida. Essa conclusão é negada ou modificada e é frequentemente em função dessa modificação ou negação que se descobre o que podia ser a conclusão inicial. (CHARAUDEAU, 2009, p. 218).

Percebe-se nesse modo de raciocínio certa contemporização em relação aos fatos apresentados. Um argumento é proposto e aceito parcialmente, porém um contra-argumento é proposto na intenção de retificar o que foi exposto primeiro.

O movimento concessivo trata-se de uma estratégia com grande poder argumentativo e, conseqüentemente, com grande poder de convencimento em relação ao interlocutor. Nota-se nesse movimento uma mudança bem marcada da orientação argumentativa com a finalidade de guiar o interlocutor.

Koch (2009) explica que essa mudança de orientação argumentativa (em especial no caso do movimento concessivo) se dá através dos articuladores enunciativos ou discursivo-argumentativos. Esses articuladores “são os que encadeiam atos de fala distintos, introduzindo, entre eles, relações discursivo-argumentativas: contrajunção (oposição/contraste/concessão) [...]” (KOCH, 2009, p. 134). Nesse sentido, os principais operadores argumentativos desse movimento são as conjunções concessivas (*embora, mesmo que, posto que, se bem que*, dentre outros que expressam a ideia de concessividade) e as conjunções adversativas no que diz respeito à relação “*você tem razão, mas...*”; “*sim..., mas...*”.

Ainda no que tange à reflexão do movimento concessivo, Plantin (2008, p. 85) analisa que:

pela concessão, o argumentador modifica sua posição diminuindo suas exigências ou concordando com o adversário em pontos controversos. Do ponto de vista estratégico, ele recua em nome do bom funcionamento das coisas. A concessão é um momento essencial da negociação, entendida como discussão sobre um desacordo aberto, tendendo ao estabelecimento de um acordo.

Para o autor o movimento concessivo é uma estratégia que visa amenizar a situação do confronto ideológico, pois não seria proveitoso estabelecer um clima de animosidade. Ainda para o autor, o que ocorre, de fato, nessa tentativa de estabelecimento de um acordo é uma negociação entre quem argumenta e quem contra-argumenta.

Plantin (2008) ainda explica que diferente do que acontece na refutação, na concessão há o reconhecimento, por parte do locutor, de uma validade em relação a um ponto de vista diferente do seu. Porém, esse reconhecimento não anula as próprias convicções que o locutor certamente tem consigo acerca do fato em discussão.

Todo argumento é passível de ser averiguado pelo crivo da veracidade ou dúvida, até mesmo quando se questiona a autoridade do argumentador, ou seja, se a condição do sujeito é posta em análise o seu argumento também é. Para Charaudeau (2009, p. 228) “em toda argumentação o sujeito é instado a tomar posição: com relação à proposta, com relação ao sujeito que emitiu proposta e com relação a sua própria argumentação”.

Argumentativamente, é possível que um discurso, por diversas circunstâncias, seja questionado, até mesmo contrariado. O discurso do “contrário” visa, na sua essência, desconsiderar totalmente um discurso preexistente, tornando-se pontual no sentido de buscar o encerramento das tensões existentes entre os polos. Nesse sentido, o discurso do “contrário” se caracteriza como sendo a força maior no embate dos argumentos, significa a sobreposição de um argumento sobre o outro, sempre na tentativa da anulação total. Isso define o terceiro movimento tratado neste trabalho, a refutação.

Entretanto, o discurso do “contrário” apresenta certa plasticidade, fazendo-o flutuar entre a concessão e a própria refutação. A concessão é sim um movimento de contrariar, mas assumindo em parte a conclusão já existente, ou seja, não desconsidera totalmente as proposições. Para Plantin, (2008) diferentemente de conceder, a refutação é precisa, busca derrubar, encerrar o debate e vencer argumentativamente.

A refutação é o movimento argumentativo pelo qual ideias são totalmente contrariadas ou postas no plano do questionamento em relação ao conteúdo, a autoridade do sujeito que profere tal conteúdo e a própria forma de argumentar. Em outras palavras, a refutação de argumentos se materializa em texto, oral ou escrito, e pode acontecer interna ou externamente à língua. Ela apresenta duas faces: de um lado tenta anular os argumentos já dados na cena enunciativa; de outro apresenta novos argumentos em favor de uma nova conclusão, ou seja, traz informações novas na tentativa de influenciar o posicionamento do outro.

É esse movimento que pode anular um posicionamento, direcionando o sujeito a uma mudança de postura em relação aos argumentos dados anteriormente. Para isso, a refutação deve apresentar, no mínimo, argumentos mais fortes em relação aos anteriores, para desse modo negá-los. A refutação é um processo de negação por excelência, pois a medida que se refuta para invalidar os argumentos do outro, a própria construção interna dos contra-argumentos pressupõe a escolha sistemática de ideias e exclusão de outras.

A refutação do ponto de vista científico é decorrente de predições falsas ou questionáveis de fatos observados e descritos, já do ponto de vista dialógico diz respeito a contradição existente na realidade. Isso significa dizer que refutar é colocar em questão a veracidade ou não das proposições enunciadas em relação aos objetos do mundo.

Sabendo que refutar é a tentativa de anular os argumentos do outro, o movimento pode atuar sobre os elementos linguísticos e pragmáticos. Refutam-se argumentos mal formulados, aqueles comprometidos semanticamente pelo uso inadequado de elementos lexicais, os argumentos com problemas estruturais de outras ordens. Refutam-se também os argumentos a partir do valor do lugar do sujeito e da sua própria condição de ser e estar no mundo.

Para Chareaudau (2008, p. 228) o argumentador escolhe “não participar de uma argumentação desenvolvida em uma conversa ou num debate, se julga que 'o jogo não vale a pena', isto é, tendo em vista o estatuto e o pouco crédito dos participantes da discussão, não é útil tomar posição com relação à Proposta”.

Linguisticamente, os operadores argumentativos prototípicos do movimento de refutação são as conjunções adversativas (*mas, entretanto, porém, não obstante, contudo*, dentre outros que contrariam ideias) e expressões linguísticas do ponto de vista semântico que opõem argumentos, como em “*não é verdade que...*”, “*você deve estar enganado*”, “*mas isso não confere*”.

### 3 Análise dos dados

#### 3.1 Área Humanística

Das redações analisadas, pertencentes ao *corpus* que representa os vestibulandos da área de humanas foi percebido os seguintes resultados:

<b>Categoria</b>	<b>Nº</b>	<b>Operadores encontrados</b>
➤ Operadores que assinalam o argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão	2	1 <i>no mínimo</i> (red. 3) / 1 <i>mesmo</i> (red. 4)
➤ Operadores que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão	10	9 <i>e</i> (red. 1, 2, 3, 4 e 5) / 1 <i>também</i> (red. 3)
➤ Operadores que introduzem uma conclusão relativamente a argumentos apresentados em enunciados anteriores	6	1 <i>com isso</i> (red. 2) / 1 <i>para isso</i> (red. 3) / 1 <i>desse modo</i> (red. 3) / 1 <i>por isso</i> (red. 4) / 1 <i>dessa forma</i> (red. 5) / 1 <i>assim</i> (red. 5)
➤ Operadores que introduzem uma justificativa ou explicação relativamente ao enunciado anterior	11	2 <i>porque</i> (red. 1) / 4 <i>que</i> (red. 2, 3 e 5) / 1 <i>já que</i> (red. 2) / 4 <i>pois</i> (red. 3 e 4)
➤ Operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias	5	1 <i>porém</i> (red. 2) / 1 <i>contudo</i> (red. 3) / 1 <i>entretanto</i> (red. 3) / 1 <i>apesar de</i> (red. 3) / 1 <i>mas</i> (red. 4)

Quadro 1 – Números e operadores argumentativos por categoria encontrados nas redações

Com relação ao levantamento quantitativo dos operadores argumentativos utilizados pelos alunos da área de humanas no vestibular 2011, pode-se afirmar que alguns resultados confirmam o pressuposto de haver uma maior subjetividade nessa área.

Das redações analisadas percebeu-se que os operadores que introduzem uma justificativa ou explicação relativamente ao enunciado anterior foram os mais utilizados pelos alunos apresentando ocorrência em todas as redações analisadas. À estes operadores juntam-

se os operadores que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão que foi a segunda categoria mais utilizada nas redações ocorrendo em todas.

Com base nestes resultados quantitativos pode-se inferir que existe uma tendência maior nos vestibulandos, cujas redações foram analisadas, de somar argumentos para chegar a uma conclusão mais elaborada, e, portanto, mais apta de ser aceita. Ao mesmo tempo, além de somar argumentos, os vestibulandos buscam explicar ou justificar tais argumentos no intuito de deixá-los mais categóricos e coerentes no que diz respeito ao ponto de vista que está sendo defendido que é o apoio a uma campanha do Conselho Nacional de Justiça contra à violência doméstica cometida às mulheres.

No que se refere aos operadores que introduzem uma conclusão relativamente a argumentos apresentados em enunciados anteriores percebeu-se que, apesar de haver ocorrência destes operadores em quatro das cinco redações analisadas, o número destes operadores foi praticamente a metade em relação ao quantitativo dos operadores já mencionados.

Assim, pode-se inferir que os vestibulandos, apesar de somar e explicar os argumentos, apresentam dificuldade em introduzir uma conclusão ou um fechamento lógico para os argumentos apresentados. Isto, provavelmente, deve-se ao fato da pouca experiência com leitura e escrita por parte destes vestibulandos.

O mesmo problema foi percebido em relação aos operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias que só ocorreu em três das cinco redações analisadas e apresentou um quantitativo relativamente baixo. Estes operadores argumentativos são por excelência mais complexos pois mudam a orientação argumentativa do texto e quebram a expectativa inicial introduzindo uma nova conclusão.

De fato, percebeu-se que houve uma subutilização destes operadores nas redações evidenciando assim uma dificuldade de contrapor argumentos e tornar o texto mais complexo e, conseqüentemente, mais elaborado. Mas, vale salientar que dos poucos operadores contrastivos utilizados não houve repetições, ou seja, os cinco operadores detectados nas redações eram diferentes o que demonstra, apesar do baixo quantitativo, o conhecimento dos vários tipos de operadores argumentativos com função contrastiva.

Outro ponto importante a ser discutido em relação a utilização de operadores argumentativos por vestibulandos da área de humanas foi a ocorrência de operadores que assinalam o argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão. Estes operadores ocorreram com uma frequência baixíssima em duas das cinco redações analisadas.

Dos dois operadores detectados um é mais prototípico desta categoria é o caso do operador “mesmo” que assinala o argumento mais forte dentre outros. O outro operador que é o “no mínimo” pertence a essa mesma categoria, mas com uma particularidade explicada por Koch (1997, p. 32) como sendo “operadores que introduzem dado argumento, deixando subentendida a existência de uma escala com outros argumentos mais fortes”.

Este operador, assim como o operador “mesmo” ocorreu cada um em uma redação diferente e apenas uma vez. Isso demonstra que esses operadores não são tão simples de serem usados devido a sua complexidade em relação categorias ou operadores argumentativos, comprovando assim que não havia o conhecimento, por parte dos vestibulandos, desses operadores ou então não houve interesse da maioria para utilizar esta estratégia.

### 3.2 Área Tecnológica

O quadro abaixo apresenta os operadores argumentativos utilizados por vestibulandos da área tecnológica no momento de produção textual. Os dados serão analisados na ordem da maior à menor recorrência.

<b>Categoria</b>	<b>Nº</b>	<b>Operadores encontrados</b>
➤ Operadores que assinalam o argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão	0	0
➤ Operadores que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão	17	conjunção aditiva “e” (red. 6,7,8,9,10)
➤ Operadores que introduzem uma conclusão relativamente a argumentos apresentados em enunciados anteriores	2	1 por fim (red. 7)/ 1 por isso (red. 9)
➤ Operadores que introduzem uma justificativa ou explicação relativamente ao enunciado anterior	6	4 que (red. 6, 7)/ 1 porque (red. 6) / 1 já que (red. 6)
➤ Operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias	3	2 mas (red. 7, 9)/ “e” com valor adversativo (red. 6)

Quadro 2 – Número de operadores argumentativos por categoria encontrados nas redações.

Adicionar argumentos a favor de uma mesma conclusão foi a estratégia argumentativa mais recorrente nesse corpus. Percebeu-se que a conjunção aditiva *e* aglutinou argumentos de uma mesma classe argumentativa, direcionando para uma mesma conclusão. A partir desse dado, pode-se depreender que os vestibulandos apresentaram uma estratégia argumentativa prototípica, o que corresponde à relação biunívica entre a tese e os argumentos que a sustentam.

Outra recorrência observada foi o uso de operadores argumentativos que levam a justificativa ou explicação relativamente ao enunciado anterior, demonstrado prototipicamente pelas conjunções *que*, *porque*, e a expressão *já que*. Diferentemente da adição de argumentos, a explicação já revela certo engajamento do vestibulando, uma vez que, quando ele traz justificativas às escolhas dos seus argumentos tenta fortalecer argumentativamente seu ponto de vista.

Os operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias foram utilizados pelos vestibulandos da área Tecnológica, mas de forma restrita. Nos três casos observados no corpus, dois fazem referência ao conector *mas*, prototipicamente adversativo, e uma conjunção aditiva *e* com valor adversativo. Embora se reconheça o conector *e* como aditivo, no caso analisado, além de contrariar ideias, transgrediu a expectativa da orientação argumentativa. Quando se esperava a conclusão de uma escala argumentativa, o *e* dá um novo direcionamento de modo a expressar a real intencionalidade argumentativa do vestibulando, que é opor-se. Para os casos dos operadores que contrariam posicionamentos, Koch (1998, p. 35) diz que, quanto as suas escolhas, “o locutor introduz em seu discurso um argumento possível para uma conclusão R; logo em seguida opõe-lhe a um argumento decisivo para a conclusão contrária não-R (~R)”.



No *corpus*, observou-se o caso em que foram usados operadores que introduzem conclusão relativamente a argumentos apresentados. Tem-se um caso da conjunção *por isso* e uma expressão de conclusão *por fim*. Nos dois casos, os operadores ao mesmo tempo que sinalizam o encerramento de argumentos dados a favor de uma tese, aponta para uma conclusão.

A estratégia argumentativa de enumerar argumentos e posteriormente apontar o mais forte não foi observado nas redações da área tecnológica. Isso revela a fragilidade argumentativa demonstrada pelos vestibulandos dessa área. É um movimento complexo que requer do enunciador certo domínio linguístico e, sobretudo, a percepção de argumentos mais fortes numa escala argumentativa que orienta a uma dada conclusão.

### 3.3 Área Biomédica

Das redações analisadas, pertencentes ao corpus que representa os vestibulandos da área Biomédica foi percebido os seguintes resultados:

Categoria	Nº	Operadores Encontrados
➤ Operadores que assinalam o argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão.	0	
➤ Operadores que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão.	10	1 <i>ainda</i> (red. 11) / 6 <i>e</i> (red. 11,12,13,14) / 1 <i>além de</i> (red. 12) / 1 <i>não só</i> (red. 15) / 1 <i>mas também</i> (red. 15)
➤ Operadores que introduzem uma conclusão relativamente a argumentos	2	1 <i>assim</i> (red.11) / 1 <i>por isso</i> (red.11).
➤ Operadores que introduzem uma justificativa ou explicação relativa ao enunciado anterior.	5	1 <i>que</i> (red.11) / 4 <i>pois</i> (red. 11, 12,13).
➤ Operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias.	6	1 <i>apesar de</i> (red. 12) / 1 <i>entretanto</i> (red. 12) / 1 <i>embora</i> (red.13) / 3 <i>mas</i> (red. 11,13,14).

Quadro 3 – Número de operadores argumentativos por categoria encontrados nas redações.

Ao analisar o quadro acima destacamos a presença do uso predominante de operadores que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão. Mais especificamente o operador com maior frequência do uso foi o “e” o que pode ser indicio de que a maioria dos vestibulandos não dispõe do conhecimento de outros operadores desta categoria. Porém vale salientar que outros operadores com função de somar argumentos foram utilizados os conclusivos.

Outro fato que mereceu a nossa atenção é o uso dos operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias em uma frequência média. A partir disso percebe-se que existe um esforço, por parte destes vestibulandos, em tornar as redações, de certa forma, complexas quando defende seu ponto de vista.

No que se refere ao uso dos operadores que introduzem uma justificativa ou explicação relativa ao enunciado anterior observamos o uso excessivo de “pois” pelos vestibulandos da área Biomédica. Esse fato pode ser interpretado como a forma de evitar os erros e se sentir mais confortável com o uso de um operador conclusivo, haja vista que é um

operador muito comum. Pelo fato da conjunção “que” não ser tão evidente para eles, como um explicativo, talvez seja o motivo do uso demasiadamente do “pois”.

No que se refere aos operadores que assinalam o argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão, constatou-se que no corpus analisados nenhum vestibulando da área de Biomédica usou os referidos conectores. Provavelmente, a baixa frequência do uso desses operadores deve-se ao fato da complexidade que o uso dos mesmos exige.

## Conclusões

O ato de argumentar em favor de determinado ponto de vista não é tarefa das mais simples e isso ficou muito evidente nas reflexões e análise realizadas ao longo desse artigo. Porém, a partir da identificação, mapeamento e interpretação das marcas linguísticas da argumentação no texto é possível saber como se dá o movimento da orientação argumentativa.

Neste artigo pretendeu-se justamente partir dessa identificação e categorização dos diferentes operadores argumentativos utilizados pelos vestibulandos nas redações elaboradas para o processo seletivo do vestibular/2011. A partir da identificação e classificação destes operadores foi possível perceber como a orientação argumentativa é construída pelos vestibulandos divididos nas três grandes áreas de Humanas, Tecnológica e Biomédica.

Em linhas gerais o que se percebeu foi uma tendência de se priorizar orientações argumentativas semelhantes nas três áreas. As estratégias de somar argumentos em favor de uma mesma conclusão e explicar ou justificar um enunciado dito anteriormente foi o que mais prevaleceu nas redações analisadas com base nos operadores argumentativos encontrados e que expressam tais objetivos.

Pôde-se assim perceber uma inclinação maior para o uso de operadores menos complexo, no que diz respeito à defesa de pontos de vista. A estratégia de contrapor argumentos para se direcionar a uma conclusão diferente da que era esperada, bem como a estratégia de se assinalar um argumento mais forte numa escala de argumentos direcionados para uma mesma conclusão foram subutilizadas pelos vestibulandos das três áreas.

Estas figuram como estratégias que exigem uma maior complexidade tanto do ponto de vista estrutural, como do ponto de vista cognitivo para a sua organização lógica no texto. Tais estratégias pareceram não serem tão bem dominadas pelos vestibulandos.

Em suma, apesar de algumas lacunas deixadas pelos vestibulandos em suas redações, houve o uso de operadores argumentativos que possibilitaram o estabelecimento da orientação argumentativa. Esta análise foi deveras restrita e, assim, não foi possível chegar a resultados mais aprofundados, que demandariam um recorte maior do corpus, bem como uma reflexão e análise mais detalhada.

## Referências

CHARAUDEAU, Patrick. Modo de organização argumentativo. In: \_\_\_\_\_. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 201-249.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e Linguagem*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_. Linguagem e argumentação. In: \_\_\_\_\_. *A inter-ação pela linguagem*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1998. p. 29-58

\_\_\_\_\_. Os articuladores textuais. In: \_\_\_\_\_. *Desvendando os segredos do texto*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 133-148.

PERELMAN, Chaïm; LUCIE. O. Tyteca. Tratado da argumentação: a nova retórica. 2ed. São Paulo: Martins fontes, 2005. (justiça e Direito)

PLANTIN, Christian. *A argumentação*. São Paulo: Parábola editorial, 2008.